

**MOSAICO DOCENTE: A DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA NO PANDÊMICO EM
EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL¹**

Juliana Carvalho Cardoso
Acadêmica, Programa de Pós-Graduação de Geografia/UFRGS
juliana.cardoso@ufrgs.br

Ivaine Maria Tonini
Orientadora, Professora do Programa de Pós-Graduação de Geografia/UFRGS
ivaine@terra.com.br

Raphaella de Toledo Desiderio
Co-orientadora, Professora de Geografias da Universidade da Federal da Fronteira Sul
raphadesiderio@gmail.com

Resumo

Este estudo intenciona mostrar alguns dos marcadores dos descolamentos do fazer docente durante o contexto pandêmico, a partir de uma experimentação audiovisual para capturar as corporeidades produzidas pela vivência da docência em Geografia durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Os “cuidados de si” e as linhas de fugas como estratégias para outras corporeidades serão táticas do ensaio “jogar luz” ao mosaico de práticas de vida que modelaram as docências em Geografia com a roteirização e produção de uma experimentação audiovisual sobre como foi experimentar a docência nesse momento singular que a educação enfrentou. A partir de pistas sobre como pode atuar um documentarista-cartógrafo e inspiradas em modos de pensar e fazer com dispositivos, exploramos jeitos de cine-geografar. Ao compreender a experimentação audiovisual como uma manifestação artística que se compromete a arriscar e testar na condução do processo fílmico técnicas que melhor se encaixam em como fazer, o foco ancorou-se nas nuances do cotidiano de uma professora de Geografia, em seu corpo-múltiplo em experimentação com novas formas de se docenciar que emergiram da urgência sanitária e que resultou na experimentação audiovisual que aqui intencionamos apresentar.

Palavras Chave: Geografias Escolares; Pandemia; Experimentação Audiovisual.

Pré-produção

Quando Deleuze (1985) associou a Filosofia com o Cinema para pensar temas como espaço, temporalidades e movimentos não o fez como uma tática de simples aproximação de duas áreas de conhecimento, na tentativa de garantir que cada uma preservasse seus objetos científicos. Seus escritos sobre o cinema não são de teoria do cinema, mas livros de filosofia. Ou seja, a partir do campo de conhecimento do qual ele estava inserido, houveram “visitas”, encontros e devires com outros campos, mobilizando-os. Ele experimentou.

¹ Experimentação audiovisual vinculada a pesquisa de doutorado “Mosaicos docentes: espacialidades corporais nas docências de Geografia no contexto pandêmico” da acadêmica Juliana Carvalho Cardoso.

Aqui também experimentamos. Experimentamos porque esse trabalho é, sobretudo, de geografias escolares. O que ousamos foi em rastrear pistas e juntar para montarmos nossa cartografia do cinema na educação, examinar e criar outros meios de refletir ou, como preferimos, “jogar luz” a outras geografias que emergiram na educação durante o contexto pandêmico, alavancadas pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Como professoras de Geografia de diferentes instituições tivemos distintas formas de vivenciar a docência a partir do ERE e, também, muitas semelhanças nas reflexões sobre as forças que estavam atuando na educação assim que o contexto pandêmico se estabeleceu, fazendo com que fôssemos descoladas dos espaços escolares. Descolar, no sentido de “separar o que estava junto”, nos permite pensar no esvaziamento da escola enquanto lugar de relações, enquanto “um lugar de encontros: diferentes histórias se reunindo e, de uma forma ou de outra, se entrelaçando” (Massey, 2017, p. 230) e, por ser um lugar de movimentos e entrelaçamentos de sujeitos, seu fechamento foi tido como obrigatório. No entanto, isso não significou o interrompimento das aulas, longe disso, a sua continuidade passou a ser arquitetada a partir de distintos formatos e dispositivos.

Assim que a primeira onda² pandêmica chocou-se com as paredes das escolas passamos a ver, a cada dia, novas situações se estabelecendo: ousavam-se diferentes experimentações tecnológicas no campo da educação, onde nos eram apresentadas soluções “mágicas” em nome de um aprendizado que não podia parar, sem se refletir sobre a formação docente para tal, falar ou agir em prol dos reais problemas enfrentados pelos professores nessa adaptação repentina a inundação tecnológica que aumentavam as desigualdades educacionais. Todos nós, corpos escolares, fomos afetados de diferentes formas e intensidades.

Encarceradas, como tantos outros, nos perguntávamos: por que os processos educativos precisavam ocorrer daquela forma? Quais as atrocidades estavam sendo acionadas pela invasão tecnológica na educação? Como as forças da biopolítica (Foucault, 2008) e do encarceramento estavam atravessando nossos corpos? Como o monitoramento constante estava atuando em prol de um novo modo de funcionamento da disciplinarização? O que estava acontecendo conosco, professores, nessa adaptação a todo custo? Como estava sendo esses processos de docenciar nos formatos digitais para nossos colegas?

Examinando nossos corpos, nossas docências e práticas às quais fomos submetidas ao dar continuidade as aulas no formato remoto emergencial, intencionamos e capturamos as corporeidades produzidas pelas vivências na docência em Geografia a fim de produzir uma experimentação audiovisual, dado que, as possibilidades de fazer experiências do cinema (Fresquet, 2013) nas escolas e a partir do viés de quem pensa e faz educação tem suas potencialidades cada vez mais estudadas, produzidas e reveladas.

² O conceito físico de onda passou a ser aplicado para contextualizar o comportamento da pandemia pela comunidade científica e canais de comunicação, relacionando ao movimento de onda que mostram os gráficos da evolução da Covid-19 com o aumento acentuado no número de casos. Nesta escrita, a primeira onda refere-se ao período de suspensão das aulas e a aulas no formato ensino remoto emergencial (ERE).

Um desejo e uma câmera de celular

Unir devir-geografias e cinema-docências foi um desejo que surgiu de sufocos: sufoco causado pelo enclausuramento, sufoco de ter que dar conta de diferentes dispositivos tecnológicos para seguir com as aulas, o sufoco de ficar horas e horas e horas em frente a telas, aprendendo e ensinando, fazendo e refazendo. Sufoco de nos mantermos distantes de colegas, amigos e parentes, sufoco de ver tanta gente morrendo sufocada.

Se devir é visitar e ser visitado por vivacidades que nascem e produzem-se nas passagens, nas zonas de fronteiras (Deleuze, 1997), nosso respiro no cotidiano caótico vivenciado estava em rastrear pistas e junta-las para montarmos uma cartografia do cinema na educação com o intuito de explorar novas possibilidades, examinar e criar outros meios de “jogar luz” a outras geografias que passaram a emergir na educação durante o contexto pandêmico que estávamos, todos, submetidos.

As reflexões de Deleuze, Fresquet e Migliorin contribuem para o nosso (re)conhecimento do cinema como uma força cultural, forças essas que vão produzir imagens, produzir sons, que virão de movimentos que estão aí no mundo: objetos, pessoas, culturas, línguas, sonoridades, e o que eventualmente pode chegar na imagem e que são capazes não só de educar, mas também de deseducar (Fresquet, 2013), isto é, de provocar uma reação ao se instalar nos espaços escolares. E o que por ventura poderia chegar na imagem ao jogarmos luz no mosaico³ de práticas de vida que estavam modelando as docências em Geografia durante o ERE? Só saberíamos ao nos movimentarmos em direção ao experimento e a investigação, criando condições de se revelar imagens, ainda que não se tivesse domínio sobre elas.

Sendo professoras de Geografia que desejam experimentar e criar nas fronteiras da Geografia e do Cinema articulando estratégias educativas, recorremos a Oliveira Jr, Ferreira (2019) e Barbosa (2017) para alargar as possibilidades de “filmar o que se procura, não o que se sabe” (p.95). Oliveira Jr. nos é uma referência marcante no que tange os estudos de aproximação da Geografia com as imagens e o cinema, enquanto Ferreira e Barbosa são inspirações ao nos movimentarmos como documentaristas-cartógrafas (Barbosa, 2017) no nosso cine-geografar (Ferreira, 2019) ao produzir nossa experimentação audiovisual sobre as docências em Geografia em plena pandemia.

Uma produção audiovisual é captação de forças e sendo captação de forças poderia vir a revelar o que estava ocorrendo com os professores de Geografia durante o contexto pandêmico? Nesse movimento buscamos identificar os marcadores dos descolamentos no fazer docente nas nossas vivências e nas vivências de outros colegas de Geografia, a partir de conversas remotas, trocas de experiências, apoios e desabafos. Seguindo, foi criado um roteiro que nos permitisse organizar, planejar e capturar as corporeidades produzidas pelas experiências nas docências em Geografia e que representasse parte daquilo que

³ Mosaico é um conceito do campo artístico, já que é uma arte decorativa milenar, que reúne pequenas peças de diversas cores para formar uma grande figura da qual o autor, no caso o artista, organiza tais peças e as colam sobre uma superfície, formando imagens. Aqui usamos o termo mosaico para nos referir as especificidades do espaço como esfera de possibilidades da existência da multiplicidade (Massey, 2009), nos processos de inter-relações que vão nos constituindo.

investigamos e que nos foi revelado: um mosaico de adaptadas práticas docentes marcava os corpos, desterritorializados do lugar escola.

Procuramos nos movimentar como documentaristas-cartógrafas já que, como elucida Barbosa (2017), “o documentarista-cartógrafo não se trata de uma pessoa específica, mas sim de um personagem que possui um tipo de atuação transversal e que transita entre os que se conectam às várias etapas que incluem um processo de produção filmico” (p. 104). Assim, criamos um roteiro que não trata de um personagem específico, mas de um que expressasse o mosaico de distintas práticas que foram se apresentando durante nossa investigação. Com esse desejo de criar nas fronteiras entre a Geografia e o Cinema, “cine-geografamos” (Ferreira, 2019) no entrecruzamento das diversas trajetórias e com um celular na mão, capturamos imagens que as representasse. Dois dias foram o suficiente para capturar as imagens, dentro da realidade do momento: encarceradas entre as paredes de casa. Aproximadamente sete dias foram necessários para organizar e selecionar as imagens para a edição da nossa experimentação audiovisual no programa *Adobe Premier*, depois de muito estudo sobre edição.

A experimentação audiovisual abrange as produções marcadas pela relevância da atitude de experimentar, de se comprometer e arriscar, testando técnicas, materiais, procedimentos e movimentos diferentes a fim de desvelar novas possibilidades, sensações, forças, novos sentidos e “modos de estar no mundo e de inventar mundos e, ao mesmo tempo, compartilhar invenções” (Migliorin, 2010, p. 10). Seu modo de produção percorre movimentos criativos bem abertos, considerando o que se apresenta nos encontros, movimentando-se nas brechas inventivas, criando e experimentando diferentes maneiras de olhar, filmar e se expressar a partir de ângulos inusitados e diferentes técnicas de captura e edição audiovisual. Arlindo Machado (2010), buscando definir o que é vídeo experimental, destaca que

o conceito de experimental envolve mais coisas que a simples demarcação de uma diferença com relação à produção audiovisual estandardizada. Como sugere o próprio nome, a ênfase desse tipo de produção está na experiência, no sentido científico de descoberta de possibilidades novas (p. 25).

Se desejar é criar mundos, experimentar as possibilidades na vida, “desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto” (Deleuze, 1997), desejamos unir devir-geografias para, no encontro com os dispositivos de cinema, capturar as docências permeadas de forças visíveis e invisíveis durante o contexto pandêmico. Com o intuito de produzir *com* e não sobre, a experimentação audiovisual que nos aventuramos criar atuou como uma manifestação artística que se comprometeu a arriscar e testar na condução do processo filmico, onde nosso foco de investigação mirou nas nuances dos cotidianos dos professores de Geografia, no nosso corpo-múltiplo sendo esticado, contorcido e flexibilizado durante a urgência sanitária que atingiu os espaços escolares com força(s).

Convidamos quem nos lê a assistir nossa experimentação de título “1...2...3...4” e colaborar com reflexões *com* e sobre o que criamos, buscando contribuir para o alargamento das zonas de fronteiras do pensamento. Curta “1...2...3...4”. Acesso disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=x3al1LuEbd4>

Referências

BARBOSA, Cristiano. **O espaço em devir no documentário**: cartografia dos encontros entre cinema e escola. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas: 2017.

DELEUZE, Gilles. **Cinema – a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 54, 1997.

FERREIRA, Débora Schardosin. **Cine-geografar a escola**: um Currículo Geográfico a partir do lugar. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

FERREIRA, Débora Schardosin; TONINI, Ivaine Maria. Há uma escola como lugar em período de pandemia? **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 27-32, jul. 2020.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo, Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos)

MACHADO, Arlindo. Pioneiros do vídeo e do cinema experimental na América Latina. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 37, n. 33, p. 21-40, jun./set. 2010.

MASSEY, Doreen. A mente Geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v.19, n. 40, maio/ago. 2017.

MIGLIORIN, César; BRASIL, André. Biopolítica do amador: generalização de uma prática, limites de um conceito. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 20, p. 84-94, dez. 2010.

MIGLIORIN, César. **Inevitavelmente cinema**: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Vídeos, resistências e geografias menores: linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 34, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/316>. Acesso em: 4 ago. 2023.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a Geografias menores. **Pro-posições**, Campinas, Unicamp, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.